

ECUUS DO IBATÉ

INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ - SÃO ROQUE - SP



Nº172 - ANO XXIX - MARÇO / ABRIL - 2021

Ut omnes unum sint



Otto Dana*

Pensar e escrever sobre a fome, de barriga cheia é difícil.

Pensar na fome num país onde em se plantando tudo dá, parece um escárnio. Esse país de longas extensões de terras cultiváveis, tantas delas ainda intocáveis... , ele é presa fácil de quem faz da vida uma poesia. Refestelado em mesa farta três vezes por dia - fora o lanche e os petiscos a cada hora - e acusando os que passam fome de serem preguiçosos e viverem encostados naqueles que trabalham e produzem, também é um outro escárnio sem tamanho. Mais da metade do povo brasileiro vive das migalhas das mesas dos que ainda conseguem encher um prato e até jogar comida no ralo. A maior parte dos que passam fome, não o fazem para emagrecer, não é um regime voluntário por questão de estética, ou por tratamento de saúde. No atual momento, a fome os obriga a procurar o prato da caridade do povo, ainda assim, apenas quando o encontram.



Hoje assistimos a uma realidade que pode ser traduzida na campanha tem gente com fome!**. Boa parte do povo está morrendo de fome. Fome que leva fácil a uma pandemia que ajuda a matar. Enquanto isso, outra parte disputa um restaurante, para o almoço, ou jantar para o dia de hoje.

O pior é que a fome se espalha pelo país e os governos não se sensibilizam e não se mobilizam em nenhuma esfera a não ser em seus discursos demagógicos.

Em 12 meses, desde o início da pandemia do COVID, o preço dos alimentos subiu em média 15%, quase o triplo da inflação do período. O que mais subiu foram os cereais, leguminosas e oleaginosas. Óleos e gorduras, 55%; tubérculos e legumes, 31%. E a alta de alimentos atinge a população desempregada. É comum ouvir "não tenho condições de comprar".

A cesta básica em São Paulo custa em torno de R\$ 631,90 se estima em R\$ 5.375,00 que deveria ser o salário mínimo necessário para uma família de quatro pessoas em despesas básicas.

Em 2009, segundo o IBGE, 11,2 milhões de brasileiros passaram fome por não terem recursos para comprar comida. Como pode acontecer isso? Os governantes não estão nem aí.

É como traduz em poema o poeta recifense Solano Trindade, em seu Trem da Leopoldina:

*Correndo correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome*

Piiiiiii

*Estação de Caxias
de novo a dizer
de novo a correr
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome*

*Vigário Geral
Lucas
Cordovil
Brás de Pina*

*Penha Circular
Estação da Penha
Olaria
Ramos
Bom Sucesso
Carlos Chagas
Triagem, Mauá
trem sujo da Leopoldina
correndo correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome*

*Tantas caras tristes
querendo chegar
em algum destino
em algum lugar*

Por que milhões de brasileiros passam fome se o país colhe safras recordes?

É claro que a alienação do problema da fome não é gerada. A pandemia motivou muita gente no Brasil para o drama cada vez mais avassalador da fome. Mas são atividades, motivadas pela caridade e pela emergência. Não se vê governo que ofereça um programa nacional de combate à fome.

A impressão que fica é que, no Brasil, a maioria dos governantes quer tirar proveito dessa situação. A fome dos outros.

E eu como... até regurgitar.

* PE. OTTO DANA, 83, 54/58. É pároco emérito em Rio Claro-SP. Especializado em Filosofia da Educação, mestrado em Ciências Sociais e doutorado em Sociologia da Religião. Professor aposentado da Unesp, campus Marília - 19-3524-0831 - otto.dana@gmail.com

** www.tem gente com fome.com.br

A MÁSCARA



Joaquim Benedicto de Oliveira, *Quinzinho**

Afinal, por que há tanta repulsa ao uso da máscara antiviral? Qual será a origem de tamanho incômodo?

Utilizada antigamente em momentos rituais, em festas carnavalescas ou ainda em peças teatrais, ela sempre desempenhou entre outras uma função psicológica importante na revelação da psique humana. É por isso que a psicanálise procura arrancar a máscara das pessoas, tentando recolocá-las diante de sua realidade profunda. Mesmo não querendo, a pessoa com máscara acaba participando de algo misterioso e transcendente. E, desse modo, pode descobrir-se e revelar-se como um outro. É como se a máscara fosse um espelho embaçado da alma humana. E isso incomoda.



Em nossos dias especialmente perturbados pela pandemia, a principal tarefa da máscara é servir de proteção da vida, individual e coletiva. Mas por que tanta resistência ao seu uso? Parece que historicamente a máscara sempre funcionou como acesso a universos regidos pela imaginação e o mascarado acaba descobrindo ou construindo uma nova identidade. E, no caso atual, o que a torna desconfortável é a revelação real ou imaginária ou induzida do lado escolhido neste momento super politizado de nossas vidas. Talvez se entenda o mascarado na obrigação de escancarar sua opção política na vida social, brasileira e mundial.

Muita gente sente que, mostrada sua identificação, jamais lhe será possível retirá-la. E, considere, leitor, se a pessoa nessa circunstância imaginar que sua máscara é demoníaca. Como admitir essa identificação? Assim, o uso da máscara propõe ao indivíduo a percepção de si mesmo, mergulhado numa síntese ingênua da dialética revelação/ocultação. Hoje politizar é preciso: tornou-se manifestação de vida.

Já reparou, caro leitor, que a máscara se tornou uma vacina ideológica?

* **JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA**, Quinzinho 83, 50/56, é doutor em literatura brasileira. Suas teses de mestrado e doutorado são: "A hierofania no episódio do pacto de Riobaldo com o demo" e "O trabalhador como tema e personagem em romances brasileiros da década de 1930". Aposentou-se pela PUC-SP após mais de 40 anos de trabalho e milhares de alunos como professor de Literaturas Brasileira e Portuguesa 11 99339-3092 joka.oliveira@uol.com.br S.Paulo-SP



Fome

Há muita desigualdade nas condições sociais, no campo e na cidade e em todos os arraiais. Se há o privilegiado, bafejado pela sorte, há também o deserdado, que anda fugindo da morte. Há quem tem casa decente e há o que mora em desvão. Se há quem dorme no quente, há o que se ajeita no chão. Se há quem bem se alimenta, há aquele que nunca come. Se há quem à mesa se senta, há o que morre de fome, e a fome é do estômago e a fome é do espírito, que vem do fundo, do âmago, em sussurro ou em grito, do socialmente invisível e de governos esquecido, é ser humano intangível de sofrimento nutrido. Morre aos poucos cada dia, sem estima e dignidade, fica inútil, sem valia, excluído da sociedade. A fome é grande doença de um mundo desigual, e quem sofre essa sentença, terá um triste final: mas triste mesmo é constatar, sem nada poder mudar.

Valdevino Soares de Oliveira, 57-63

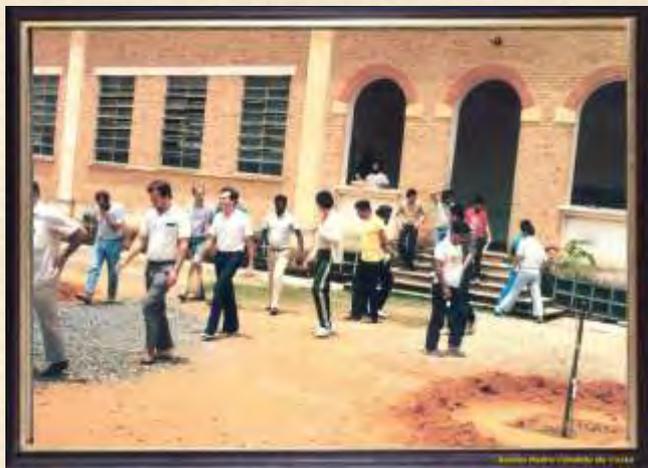
SEMINÁRIO DE SÃO ROQUE: UM CICLO DE VIDA DE 25 ANOS*



ANTONIO JOAQUIM ANDRIETTA**

O site (www.seminariodesaoroque.com) nos traz alguns dados interessantes, além do cadastro dos ex-alunos do Seminário do Ibaté. O desafio, entretanto, é transformar os dados em informações úteis. Para isto, devem ser submetidos a laboriosa tabulação e a criteriosa análise. No fundo, o desenrolar de todo o trabalho parte da curiosidade do pesquisador sobre o tema, ou das hipóteses que formula a respeito dele. Nesse trabalho utiliza-se a Estatística, definida por alguém como “...a arte de torturar os números até que confessem o que queremos saber”.

O Seminário de São Roque esteve em atividade contínua de ensino e preparação de candidatos ao sacerdócio por 25 anos, de 1949 a 1973, iniciando com os alunos transferidos do Seminário Menor de Pirapora (cerca de 70, segundo o *Echus* nº 80) e mais os novatos. Nos anos seguintes, o número de novatos é a soma dos ex-alunos que constam no cadastro com o ano respectivo de sua entrada em São Roque, e o número total de matriculados em cada ano é o da lista nominal de toda a turma nesse ano (da lista **Turmas de todos os tempos**, em que também constam os alunos por classes ou séries). Esta lista dá apenas o total de alunos nos anos de 1972 e 1973, os últimos de funcionamento do Seminário de São Roque que, à falta de outro, foi dividido igualmente pelos dois anos. Como ressalva a nota no topo da lista, embora totalmente baseados em documentos disponibilizados pela Cúria Metropolitana de São Paulo, eles apresentam muitas imperfeições, desconhecendo-se a razão de porque tal teria ocorrido na documentação gerada pela administração do Seminário.



Todavia, se você só dispõe de limões, então esprema-os e faça uma limonada... O gráfico abaixo mostra a evolução dos alunos matriculados de 1949 a 1973, novatos e total. A relação média entre os dois números no período é de 0,40, uma taxa de *turn over* ou de renovação anual de 40%, significando que em média os ex-alunos do Seminário lá permaneceram por dois anos e meio. Reconhece-se que a causa maior dessa rotatividade foi a desistência, espontânea ou orientada, de prosseguir na carreira eclesiástica. Porém, outros motivos também influenciaram, destacando-se as transferências de alunos de um para outro seminário, seja da própria arquidiocese como de outras dioceses.

A evolução mostrada no gráfico pode, razoavelmente, situar algumas épocas marcantes do período de funcionamento do Seminário de São Roque. A primeira (de 1949 a 1952) é a de sua **implantação** a partir da transferência parcial do Seminário de Pirapora - em 1949 a admissão, 1ª, 2ª e 3ª séries -, naquele permanecendo as 4ª, 5ª e 6ª séries, incorporadas respectivamente em 1950, 1951 e 1952.

A segunda pode-se chamar de **consolidação**. Com a abertura do Seminário Menor de Aparecida, em 1952, o de São Roque passa a Seminário Médio, com as séries 1ª a 6ª em 1953, 2ª a 6ª em 1954-55 e 3ª a 6ª em 1955-58.

A terceira etapa seria de **reunificação**, de 1959 a 1964, retornando ao formato de Seminário Menor, da admissão (logo depois abolida) e estendendo-se pelas quatro séries do ginásial e as três do colegial. Esta etapa supõe a desativação do Seminário de Aparecida no formato anterior, e sua passagem para o de Seminário Maior com as séries do currículo de Filosofia (esta suposição decorre de relatos de ex-alunos da época).

A quarta e última etapa, de 1965 a 1973, pode se denominar de **desativação**: reduzem-se os novatos e o total de alunos, várias classes do colegial não são preenchidas em alguns anos, e nos dois últimos apenas as quatro séries do ginásial são ativadas (segundo relatos de contemporâneos, o colegial seria cursado em escolas laicas, da rede pública ou privada de ensino médio).

Esta evolução caracterizaria um ciclo de vida típico das organizações formadas por seres humanos e aderente com as etapas da própria vida humana: infância, juventude, maturidade e velhice. Este ciclo se dá de forma inexorável, e sua duração pode ser determinada por inter-influências de mudanças e forças do ambiente externo (exógenas), onde a organização vive e com o qual se relaciona, e/ou do ambiente interno (endógenas) da própria organização e das relações entre seus membros.

A *célula mater* do Seminário de São Roque foi o Seminário de Pirapora, no qual a arquidiocese de São Paulo formou seus candidatos ao sacerdócio por 45 anos. O site contém um bastante completo histórico (clique em **Pirapora** e a seguir em **História**), obra do **Jurandy Amadi**, detalhando como era e funcionava este seminário. Pode-se concluir sem muito esforço que o de São Roque foi “clonado” daquele. Nenhum demérito, ao contrário, por que não reproduzir a casa, o ambiente e o formato que por mais de meio século já formaram grandes e expressivas figuras tanto do mundo eclesástico quanto do leigo? E os padres dirigentes e professores de São Roque não se formaram também em Pirapora? Mas, este seminário também encerrou sua atividade no mesmo ano de 1973, 75 anos depois que a iniciara. Coincidência? Não, certamente!

O FIM DE UM CICLO - O ponto de ruptura, que determinou o processo de aceleração do fim do ciclo de vida dos seminários, pode ser localizado no Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 a 1965. Este foi o 21º concílio da Igreja e, praticamente, há quatro séculos tal evento não ocorria, (se excluído o Concílio Vaticano I, interrompido em 1870,

apenas 10 meses após seu início e somente quatro sessões efetuadas). Sob um cunho pastoral (e não dogmático, para aplinar naturais resistências e contraposições que determinaram a interrupção do anterior), com um tema tão vasto como “renovação da Igreja”, o Concílio Vaticano II suscitou tantas mudanças que muitos analistas até



moderados (como o atual Papa Bento XVI) julgaram algumas equivocadas ou, no mínimo, inadequadas. E entre estas se incluíam as relativas à formação dos seminaristas e a missão dos presbíteros.

No conjunto de documentos emanados do Concílio Vaticano II (que podem ser acessados por meio de qualquer site de busca na Internet) não há normas ou regras claramente especificadas e detalhadas a respeito de qualquer das mudanças renovadoras da Igreja a partir de então. Todavia, uma desapassionada visão da realidade ocorrida pós-concílio e sua comparação com a situação vigente antes, podem explicar os fundamentos das mudanças na formação dos presbíteros e no formato dos seminários.

No site do Seminário de São Roque (clicar em História e a seguir em Anunciação) há uma Carta Circular do Cardeal Motta, datada do Natal de 1948, anunciando ao clero e aos fiéis da Arquidiocese a abertura do novo

seminário em março de 1949. O texto retrata fielmente o grande empenho e dedicação do Cardeal, de seus Bispos Auxiliares e dos vigários paroquiais em suscitar e angariar novas vocações sacerdotais, assim como prover-lhes abrigo digno e sólida formação nos seminários. A carta inclui mensagem recebida do Cardeal Pizzardo, então prefeito da Sagrada Congregação dos Seminários e das Universidades de Estudos, transmitindo o total empenho, apoio e prioridade, dados por Pio XII, à Obra das Vocações Sacerdotais como assumidas e encaminhadas na Arquidiocese de São Paulo. Concretizando essas obras, o Cardeal Motta instala, além do Seminário de São Roque, também o de Aparecida e o da Freguesia do Ó, o das vocações tardias (para mais realizações do Cardeal Motta, v. artigo do Oliveira Leite Gonçalves no Echus nº 78). Antes do final do Concílio, em dezembro de 1964, o Cardeal Motta era transferido para a nova Arquidiocese de Aparecida, numa posição a bem dizer honorífica, pois seu âmbito fica quase restrito à administração do santuário da Padroeira do Brasil, a cargo de um bispo coadjutor.

As mudanças nos seminários vieram a reboque de outras mudanças originadas do Concílio. Entre estas podem ser citadas a missão dos presbíteros focada no apostolado junto aos fiéis, a simplificação da liturgia, a abolição do Latim e adoção do idioma local, a maior participação dos leigos na Igreja, as comunidades eclesiais de base e as pastorais, as novas formas de comunicação e o relacionamento entre o sacerdote e seus fiéis.

No Brasil, ocorridas tanto no setor secular quanto das ordens religiosas, as mudanças se notabilizaram pelo fechamento de muitas instituições de ensino católicas, além dos seminários. Em muitos casos, a formação acadêmica específica dos diáconos e presbíteros se restringe ao curso de Teologia, sendo os demais níveis educacionais cursados em escolas leigas. Não há mais a reclusão e a disciplina do antigo regime, adotando-se um formato de alojamento mais parecido com o das “repúblicas” estudantis. Quase todo o contingente de padres dirigentes e mestres foi deslocado para paróquias, como vigários ou coadjutores. Antes raros os casos, cresceu extraordinariamente o número de ex-padres, aqueles que renunciaram ao ministério sacerdotal.

UM NOVO CICLO? - Não se dispõe de uma avaliação rigorosa dos resultados das mudanças nas quatro décadas decorridas desde o final do Concílio Vaticano II. Não há avaliações sobre se o formato, idade, tempo, conteúdo programático e disciplinar da formação dos presbíteros estão, atualmente, melhores, iguais ou piores que antigamente. Por exemplo, pode se questionar: se a formação hoje começa a partir de um adulto já plenamente consciente e vocacionado, não se poderia mais caracterizar um “seminário”, pois não estará cultivando sementes, mas plantas germinadas e viçosas. Porém, ocorreram outras mudanças ambientais.

No Brasil, o IBGE registrou um decréscimo da proporção de católicos na população, de quase 100% em 1950 para 73% em 2000. A perda não é maior para as outras religiões, como pesquisa o IBGE. A maior perda real é para os não-crentes. Estima-se que somente 10% dos que se declaram católicos sejam de fato os praticantes. A cúpula eclesiástica não parece cultivar grande preocupação com a falta de sacerdotes ou até mesmo com sua mais sólida formação. Porém, a missão dada aos padres desde o início, e pelo próprio Cristo, sempre foi a de evangelizar, ou, em outras palavras, ser missionários. Então, seu rebanho não seria constituído apenas pelos católicos praticantes, mas também pelos não praticantes, os de outras religiões e os não-crentes.

Desde 1950 a população brasileira quase triplicou, era 75% rural e passou a 82% urbana, e o número de municípios hoje existentes mais que dobrou. Não se trata de uma simples divisão de habitantes por padre, mas da adequada distribuição de padres pelo território. Em cidades populosas, há paróquias com mais de cem mil habitantes, enquanto 42% dos municípios não atingem população de cinco mil habitantes.

A falta de padres, uma situação histórica em nosso país, sem dúvida, só se agravou. Então, resta orar como outrora ...”Enviai, Senhor, operários para a vossa messe, pois a messe é grande e poucos são os operários”. E refletir se não se deverá encetar um novo ciclo de vida nos seminários visando à formação dos futuros presbíteros.

ALGUNS ASPECTOS DO PERFIL DOS EX-ALUNOS - Ainda com dados do cadastro, pode-se inferir a pouca idade dos jovens que ingressaram no Seminário de São Roque. A média e a mediana era de 14 anos, com baixo desvio-padrão e coeficiente de variação de apenas 16%. Até 15 anos, eram 82% de todos os que ingressaram, sendo 7% de apenas 10 e 11 anos. Dos 18% de mais de 15 anos, outros 7% tinham 18 anos ou mais. Entretanto, se forem considerados os transferidos de outros seminários, pode-se deduzir que a idade real de ingresso na carreira girava em torno dos 11/12 anos.

O ciclo de vida do ser humano é, também, inexorável. Até a última atualização do cadastro (1º/07/2005) 14% dos ex-alunos localizados eram falecidos. Como não podia ser diferente, as taxas de mortalidade, pelas etapas demarcadas do ciclo de vida do Seminário, são de 24% para os que ingressaram na 1ª etapa, 16% para os da 2ª, 12% para os da 3ª e 8% para os da 4ª. Em 56 anos passados desde 1949, a expectativa de vida do homem brasileiro aumentou cerca de 25 anos, em decorrência dos progressos na medicina, na saúde pública e no saneamento básico. Este fato é constatado comparando-se a idade média dos falecidos e dos vivos dos grupos de cada etapa: 57 e 69 anos, 54 e 65, 46 e 57, 43 e 50. Boas novas! Pelo menos alguns ex-alunos poderão chegar à comemoração do centenário do Seminário, pois os “caçulas” têm hoje 44 anos. O nosso “Matusalém”, o Afonso Ferreira Brito (Afonso), transferido de Pirapora em 1949, está completando 83 anos de vida. Ele, porém, foi o mais “velho” a ingressar no Seminário, já com 27 anos. Os demais das primeiras turmas estão hoje na faixa de 70-76 anos.

Em entrevista no Echus nº 78, o Antonio Simões deu alguns detalhes de seu fantástico e muito produtivo trabalho de localização dos ex-alunos do Ibaté. Embora não revelando seus métodos “sherlokianos”, nos últimos cinco anos, sozinho, ele localizou e levantou os dados de 530 ex-alunos, mais de 40% do total já cadastrado. De acordo com a última atualização cadastral, restam 137 (11%) a localizar e a tarefa pode ser ainda mais desafiadora, pois metade deles são de ex-alunos que ingressaram nos primeiros dez anos, de 1949 a 1958, a maioria de nomes comuns a muitos homônimos e 60% deles permaneceram apenas um ano (ou até alguns meses) no Seminário. Talvez algum auxílio advenha de se indicar os anos de ingresso mais críticos: metade dos ainda não localizados são de 1950, 1951, 1953, 1957, 1959 e 1963. Os colegas que freqüentaram o Seminário nesses mesmos anos podem ajudar indicando, por exemplo, a cidade de origem dos sumidos, a partir de onde a pesquisa poderia se iniciar. Se todos fossem localizados de imediato, seria de se esperar que uns 20 deles já teriam falecido, mantidas as tendências observadas.

Santo André, 05 de agosto de 2005

Universidade Municipal de S.C.Sul-SP
Prof. de Administração

*Texto Póstumo

****ANTÔNIO JOAQUIM ANDRIETTA**, nascido em Salto-SP, esse aluno do Ibaté, colega nosso de 1955 a 1957, foi um Professor Universitário e Consultor de Empresas, Morava em Santo André-SP e, deixando muitas saudades, faleceu em 10 de maio de 2006, na véspera de completar 64 anos.



Confesso a todos que não são poucas as vezes que sinto saudades de vocês, meus queridos meninos do Ibaté.... saudades daqueles nossos tempos, de nossas alegrias, do Galo de Ouro... de nossa tão saudável vida em comunidade. Vocês aprenderam tudo isso e sabem do que eu estou falando. Mas não posso deixar de lhes dizer que nenhum interesse eu tenho de vê-los por aqui tão cedo. Que essa hora nunca chegue! Está certo, que a vida é muito curta; que se eu ainda estivesse aí, seria bem provável que eu nem teria tomado a primeira vacina, por idade... e muitos de vocês já a tomaram e estão a caminho da segunda injeção, parabéns e boa sorte. O que eu faço questão é que vocês todos usem máscara. Até eu a uso por aqui... ninguém sabe! Não facilitem, que é muito sério. Se descuidarem, num piscar de olhos estarão por aqui. É muito importante que se cuidem e sejam precavidos, para que não se contaminem, mas sobretudo, para não contaminar os outros. Barabás, que isso não lhes aconteça. E saibam... vocês todos já sabem que o Pai escreve certo em linhas tortas! Foi necessário que lhes enviasse essa terrível pandemia, que ela lhes traz uma lição, um corretivo. Sim, a máscara muitas vezes é inconveniente, desagradável de usar, coisa mais chata! Mesmo assim, ela é o melhor produto dessa pandemia: sua maior importância é que seu uso é destinado à proteção do "outro"; não apenas à de vocês mesmos. Do "outro", seja lá quem seja. É para que o "outro" não se contamine. Se você se contaminar - ainda mais que já tenha tomado a vacina - você receberá o tratamento e não será necessário vir para cá. Mas o "outro"... O "outro" pode simplesmente desaparecer. E certamente não será apenas um, mas muitos, vários, uma quantidade enorme. Use, sim, essa máscara. Foi o único meio que o Pai encontrou para que todos vocês voltassem a viver o espírito comunitário, coisa de que se esqueceram completamente nessa cultura louca que vocês criaram, mas que é imprescindível para esse movimento chamado vida. Gostaria mesmo de matar as saudades de vocês, mas eu sou suficientemente forte para aguentar e não colocar a carroça na frente dos bois, tudo tem a sua hora. Por isso, tomem juízo!





Garça, 20.02.2003

PREZADO COMPANHEIRO E EMINENTE POETA GIUSTINO BOTTARI



Recebi, em fins de janeiro de 2003, sua bem humorada missiva, chamando-me pelo carinhoso nome de PIDOCCHIOSO, palavra que, segundo meu precioso PALAZZI, significa *che è pieno de pidocchi...insetto parasita dell'uomo o degli animali di cui sugge il sangue*. Obrigado, amigo; eu mereço. Como recompensa de bom calabrês, chamo -o, como se pode ver acima, de eminente poeta. Porque você também merece. Como disse em minha crônica, esperava uma resposta, pois sabia que você não agüentaria a provocação. Dito e feito.

Caro Giustari Bottino (perdão, Giustino Bottari!), quem diria?!, estamos vivos, exatos 44 anos depois daquele inesquecível ano de 1959, apogeu de meus tempos de Ibaté! Só podemos comemorar, como convém a homens idosos e aposentados que, como o esperto Uli sses da Ilíada, divagamos pelos surpreendentes mares da vida, este reencontro de velhos companheiros. Teríamos todos, depois de longos anos de separação, enfim retornado à nossa amada Ítaca? Pelo menos em parte parece que sim.



De repente, olha eu a conve rsar, de novo, com o (não sei se é conveniente dizer!) Príncipe dos Poetas de São Roque. Mas sua deliciosa epístola me fez entender perfeitamente a admiração que lhe tínhamos: afinal você, antes e melhor do que nós, seus companheiros de São Roque, havia lido obras de tristes mas grandes poetas italianos (Carducci, Leopardi e Giovanni Pascoli - bar-ba-ri-da-de!) que nunca lemos nem talvez leremos jamais, sem falar do Cruz e Souza, nacional mas igualmente triste. Nenhum de nós conseguiu essa façanha nem antes, nem durante nem depois do colégio, caro Bottari. Está tudo explicado. Você já era poeta antes de ingressar no seminário, desde os 8 anos escrevendo e publicando.

Para que você se aprecie como poeta, e se anime a organizar e publicar sua obra, aí vão as cópias dos poemas constantes de minha Coletânea, e de sua autoria, que guardo como coisa preciosa. Atendo assim a seu pedido e, ao mesmo tempo, devolvo ao seu autor os poemas que salvei, talvez, do desaparecimento.

Gostaria que matasse uma curiosidade despertada por seu texto, quando você afirma ter eu *“forçado este encontro com certas lembranças das quais sempre fugi, fiz de conta que não existiram, que não eram minhas”*. Reconheço que somos todos diferentes uns dos outros. E, justamente por isso, não consigo entender por que um tempo tão bonito, embora muita vez tão sofrido, de nossa adolescência, seja abominado por alguns companheiros. Por que seria? Pois, pela leitura dos ECHUS DO IBATÉ, leitores há que escrevem isso, que não querem sequer receber o informativo, ou simplesmente não comparecem aos Encontros bienais.

Por falar em Encontros, espero vê -lo no dia 23 de agosto no VI Encontro deste ano no colégio do Ibaté. Até agora não faltei a nenhum. Dom Décio Pereira (meu companheiro de turma) também , e eis que Deus o levou para junto de si no início de fevereiro p.p. Aliás, junto com seus poemas, por causa da disposição da Coletânea você notará a presença de poemas de outros poetas daquele tempo: Waldemar de Faria, Joel Barbieri, João da Imaculada (pseudônimo do Décio Pereira), Nazareth dos Reis. Observe também a arte primorosa do Tiaguinho (assinado Jacobi) com iluminuras da primeira página da Coletânea denominada, veja você!, ARPEJOS DA AURORA, e dedicada à Virgem dos castos donzéis. Quanta graça e quanta arte existiam naqueles corações adolescentes!

E, sem mais, meu caro amigo, deixando -o, quiçá, a sós com algum poema perdido e certamente querido, mas curioso por saber as emoções despertadas por eles, despede -se com um abraço forte de quarenta anos. Seu admirador *Letterio Santoro*

LETTERIO SANTORO, 81, (Tibúrcio) 55/59 – Natural de Fuscaldo Conzenza, Italia, é pedagogo, professor, escritor e poeta. - Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça) - 14-3471.1934 - letterios@hotmail.com

Nota do Editor: GIUSTINO BOTTARI (58/59) italiano de Abruzzi-Molise, foi um talentoso desenhista, caricaturista, um profissional da publicidade e do jornalismo, além de poeta. Gostava de fazer montagens fotográficas de seus amigos, *expertise* da informática como era. A presente foto é uma das brincadeiras que chegou a fazer consigo mesmo, dentre tantas. (21.01.1941 - 12.05.2016)



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

EU DESPREZEI MEU PAI...*



Getulino E.S. Maciel**

Não me lembro mais nem da hora, nem do dia e menos ainda do mês e do ano, mas, a cena é cristalina. Íamos de Aparecida para São Paulo de trem. E depois para São Roque. Vários colegas paulistanos, bem vestidos, e eu, com um terninho de brim azul, sapatos meio furados que me faziam sentir a frieza do chão de cimento da estação. Meus sapatos, de vez em quando, de tanto usá-los, abriam as solas na frente e, na caminhada, ouvia o barulho da sola solta plá... plá... plá. Só quando estava quase pisando direto no chão é que mandava ressolá-los. Com as chuteiras era a mesma coisa: ficavam só com a parte de cima. Lembro-me que escrevi a um padrinho meu em Morrinhos, Goiás, para lhe pedir um par de chuteiras novas. Não veio!. Então, escrevi a uma



prima - Elza - de Frutal, no triângulo Mineiro, e ela me mandou dinheiro para comprar o tão sonhado par de chuteiras novas. Meus pais mal se sustentavam com o pouco salário da aposentadoria, que atrasava por três ou quatro meses. Viviam da roça. Vendiam ovos, repolhos, cenouras, pamonhas, milho verde, abóboras e, ultimamente, minha mãe fazia tempero de alho, sal e cheiro verde para vender. Esta era a realidade! E, até hoje, a vivo intensamente. Pois, a lição de amar as coisas simples foi definitivamente aprendida.

Mas, aquele dia, na estação, me marcou profundamente. Meu pai veio na véspera me visitar. Dormiu em uma pensão. E no dia seguinte, pela manhã, antes da partida do trem, o vi passar ao lado dos vagões, com vago olhar de olhos tristes, a me procurar. Sua testa suave. Cabelos poucos, já grisalhos, olhava de um lado para o outro com suas roupas simples a me procurar. E, eu dentro do vagão, teria tempo para pelo menos lhe beijar, pela janela, as mãos calejadas. E dizer um bença, pai! Preferi apenas ver seu perfil esguio. O trem começou a andar e foi tomando velocidade e os olhos dele - eu vi - velozmente seguindo o trem. Não fui nem capaz de ir à janela e lhe dar um longínquo adeus! Afinal, eu ia para São Paulo e ele ficaria ali, humilde e humilhado, talvez até com lágrimas, esperando um trem barato que o levasse de volta às suas roças, às suas lutas, aos seus suores e aos seus desencantos. Mas com uma sabedorias que haveria de ultrapassar os tempos e o desprezo.

E me voltei ao Eclesiastes: "honra teu pai com palavras e com ações para que desça sobre ti toda a bênção... a honra do homem está na honra de seu pai... ampara teu pai na velhice e não o deixes em nenhum dia de tua vida... mesmo se a inteligência lhe for faltando, sê indulgente com ele..."

* Texto publicado em "Aqui Estou", coletânea de textos, Editora Casa - Lorena, 2020

** **GETULINO DO ESPÍRITO SANTO MACIEL**, 80, 1957/60, filho de Antônio Lemos Maciel e Zulmira Maciel, nasceu em Morrinhos-GO, é professor universitário, escritor e advogado em Lorena-SP 12-3152.5037 12-98259.9176 louget@uol.com.br

DAS ALQUIMIAS DO MANGA



Não podemos abandonar nossas raízes - O amigo ibateano Manga (Eduardo Antonio Santiago, 71/73), *grand culinaire et alchimiste*, faz lembrar a todos os leitores o aniversário de inauguração de nosso Seminário do Ibaté ocorrido no último 25 de Março. São 72 velinhas! Nossos agradecimentos a ele, pois, tendo pesquisado os arquivos de *O Democrata*, jornal de São Roque, para nossa alegria trouxe-nos essa pérola, publicada em 02.04.1949. Ele a deixou durante uma noite inteira a umectar-se com o orvalho de São Roque. Em seguida desinfetou-a e a deixou dormindo em molho de vinho de sacristia por 24 horas. Depois de flambado, o texto foi mergulhado num molho especial de peras, amoras, caquis, pêssegos e ameixas com água cristalina de poço artesiano - segredo que não revela a ninguém. Só agora, com tudo preparado, é que ele nô-la oferece à saboreada leitura para conhecermos melhor e não nos esquecermos de nossas raízes.

COMO SE INAUGUROU O “SEMINÁRIO METROPOLITANO” EM SÃO ROQUE

O dia 25 de Março deste ano ficou grande efeméride. Pois, realizou-se inauguração oficial do Seminário Menor

Logo pela manhã a cidade já estava caravana de São Paulo que ia tomar

Tivemos a grande alegria de ver alguns minutos o Sr. Bispo Auxiliar D. Antônio Maria Alves de Siqueira, tão querido em nosso meio, o que chegara mais cedo para celebrar a Missa inaugural no Seminário, às 9 horas; em seguida chegava também o Sr. Cardeal Arcebispo, acompanhado do Sr. Bispo Auxiliar, D. Paulo Loureiro, que após rápida visita ao S. S. Sacramento na Matriz, rumaram para o Seminário.

Pelo trem das 10,20 horas, chegou uma turma enorme de sacerdotes e de seminaristas do Seminário Central. Houve nesta altura uma nota bem dissonante: a falta de ônibus para transportar uma grande parte deles, que, entretanto, alegremente se submeteram a ir de caminhão.

Às 12 horas todo o mundo estava lá naquele lugar aprazível, o Seminário!

Verdadeira expansão de alegria. Lá palestravam alegremente como em família o Sr. Cardeal Arcebispo, os Srs. Bispos Auxiliares, os Srs. Prefeito Municipal, Juiz de Direito, todos a queles padres e seminaristas que se espalhavam por todos os cantos.

Depois do meio dia no grande refeitório do Seminário foi oferecido um grande almoço às autoridades eclesásticas e civis, aos sacerdotes e leigos que lá estavam presentes. Usou da palavra o Revmo. Mons. Luiz Gonzaga de Almeida, DD. Reitor do Seminário, que em bela oração saudou ao Sr. Cardeal Arcebispo.

O Sr. Bispo D. Antônio Maria agradeceu a saudação em nome do Sr. Cardeal e brindou o Santo Padre.

Às 2 horas da tarde realizou-se o *Te Deum* com a consagração do Seminário ao Coração Imaculado de Maria.

Isto foi o que em resumo se verificou no Seminário.

Mas, a nossa cidade não podia deixar regressar o nosso Eminentíssimo Cardeal e Pastor sem que lhe significasse sua gratidão por escolher São Roque e para Sede do Seminário.

De fato, depois de anunciado pelo nosso querido ex-pároco Revmo. Pe. José Lafayette, às 17 horas em ponto, apesar do tempo chuvoso, S. Eminência acompanhado de seus Auxiliares era recebido na escadaria da Matriz por entre as aclamações de grande multidão que se comprimia. Para saudá-lo, ocupou o microfone em 1º. lugar o nosso virtuoso vigário, Frei Paulo Maria, que após significar a S. Eminência o grande contentamento da paróquia em recebê-lo, aclamá-lo e tê-lo como Pastor solicito, passou a palavra ao sr. Prefeito Municipal prof. Joaquim Firmino de Lima, que o cumprimentou em nome da cidade, afirmando todo seu apoio pessoal e do município do Seminário. Em seguida, em nome das associações num discurso de profundos conceitos, falou o sr. José Carvalho de Brito.

Por fim em nome das crianças, falou o menino Mario Biazzi. Os oradores todos foram vivamente aplaudidos.

Terminando a manifestação, S. Eminência agradeceu respondendo a cada uma das saudações. Num improviso feliz e eloqüente, falou como verdadeiro Pastor a suas ovelhas, dando-lhes conselhos profundos e normas seguras de vida cristã.

S. Eminência terminou sua oração com sua benção a todos. Em seguida partiu sob aclamações, deixando em todos a mais agradável impressão.



marcado em São Roque como uma solenemente naquela data a Metropolitano, no bairro do Ibaté. movimentada pela passagem da ilustre parte na inauguração.

entrar no Largo da Matriz e parar por

PARÓQUIA DAS TROVAS

Há uma revolta contida
na mágoa que me consome.
Para alguns muita comida,
quando tantos passam fome!
Francisco Marcone de Lima,
coadjutor convidado

Tudo passa nesta vida,
Para tudo há solução,
mas sei que ninguém duvida
que a fome não passa, não.
Joel Hireinaldo Barbieri (51/58)

Vive o mundo seu dilema
de desgraça que não some,
apesar do eterno tema,
que é a pobreza, que é a fome .
Antonio Jurandyr Amadi, 51-57

Pestes, fomes, mendicâncias
não haveriam, nem a guerra,
se em todas as circunstâncias
dominasse o amor na terra.
José de Andrade Sucupira Filho
Vitória-ES,
coadjutor convidado

Tanta gente passa fome
Outro, o supérfluo consome
e morre de inanição.
Em louca alienação.
Alfredo Barbieri (49/53)

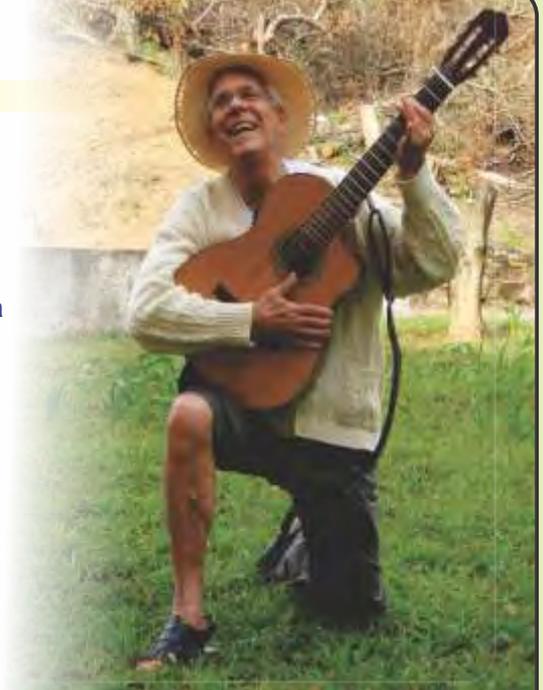
A vida anda tão tristonha...
pobreza...fome...agonia...
que eu chego a sentir vergonha
de, às vezes, ter alegria!
Amália Max,
coadjutora convidada

A fome na pandemia
pode ser até crucial,
dependendo da quantia
do auxílio emergencial.

Cabe ao pobre, vida afora,
um terrível passadio,
de no prato, a qualquer hora,
não ter nada... só o vazio !

Ajuda, sem ver o nome,
porque a fome é coisa séria...
Certidão de quem tem fome
traz um só nome: miséria!
Edmar Japiassú Maia
R.Janeiro,
coadjutor convidado

Há os famintos de alimento,
há os famintos de atenção.
Aos primeiros, o sustento,
aos segundos, afeição.



**Envie-nos você
também a sua trova**

Para-choque do Caminhão do Ubaté

**Se você não
sabe ressuscitar,
fique em casa!**



PHOTANTIQUA



ROLLEIFLEX NO RECREIO DO IBATÉ

1953

Era um dia de festa

"em pé" - (13) - 01. ? - 02. **Euclides Albino dos Santos** - 03. ? - 04. **Oswaldo Giuntini** - 05. **José Vitor Alves Neto** - 06. ? - 07. **Walter Nascimento** - 08. ? - 09. ? - 10. **Pedro Camilo Desmoulins** - 11. **Pe. José Maria Fernandes Colaço** - 12. **Fausto Tabarelli** - 13. **José Luis Brant de Carvalho**
"abaixados" (8) - 14. ? - 15. ? - 16. **Sebastião Darci Belineli Prado** - 17. **José Lui** - 18. **Heládio Bispo do Prado** - 19. **Elídio Mantovani** - 20. **Luis Alberto Correa da Silva** - 21. **Amivaldo de Moraes**
- (acervo de Atílio Brunacci) -



**Primeiro de novembro de 2013
Uma amostra de Sexta-Prima**

**Ex-alunos se encontram
Os sorrisos se estampam
Dissipam-se as tensões
Os casais se unem
Gargalhadas são ouvidas
Os abraços abundam
Enxugam-se lágrimas
Saudades são matadas
O coração se alegra
O vinho corre solto
Os olhos são abertos
Insights pipocam
O papo também é furado
Desvelam-se verdades
Pedras saem das costas
Inúmeros *dejà vus*
As curas assim são feitas
O espírito se renova.
Aprofundam-se amizades**

**Roberto Delgado & Gislene
Rocco Evangelista
Sílvia Couto
Wilson & Marilda Mosca
Oksana (fotografando)
Vicente Caruana
Lourenço Medeiros Fernandes
Alfredo Barbieri
Wilson Cândido Cruz
Isidoro da Silva Leite
José Luiz M. Gomide Ribeiro
Antonio Orsari
Antonio Simões
Paulo Toschi
Horácio José de Sousa
Rovirso A. Boldo
José Geraldo Licheri
Carlos Domingues Cosso
Attilio Brunacci**



Um antropólogo fez uma brincadeira com as crianças de uma tribo africana. Ele colocou um cesto cheio de frutas junto a uma árvore e disse-lhes que a primeira que chegasse à árvore ganharia todas as frutas.

Dado o sinal, todas as crianças saíram e chegaram ao mesmo tempo ... de mãos dadas!

Então, sentaram-se juntas para aproveitar a recompensa.

Quando o antropólogo perguntou por que razão é que elas haviam agido desta forma, sabendo que uma entre todas poderia ter todos os frutos para si, elas responderam:

- "Ubuntu!! Como é que uma de nós pode ser feliz se todas as outras estiverem tristes?"

In "Filosofia nasce e não se cria"

Nota:

(De Ubuntu, as pessoas devem saber que o mundo não é uma ilha: "Eu sou porque nós somos". Eu sou humano, e a natureza humana implica compaixão, partilha, respeito, empatia – em entrevista exclusiva ao Por dentro da África, Dirk Louw, doutor em Filosofia Africana pela Universidade de Stellenbosch (África do Sul).)



- O senhor é socialista?

- Ah, claro, inteiramente. Aliás, eu acho que o socialismo é uma doutrina totalmente triunfante no mundo. E não é paradoxo.

O que é o socialismo? É o irmão-gêmeo do capitalismo, nasceram juntos, na revolução industrial. É indescritível o que era a indústria no começo.

Os operários ingleses dormiam debaixo da máquina e eram acordados de madrugada com o chicote do contramestre. Isso era a indústria. Ai começou a aparecer o socialismo.

Chamo de socialismo todas as tendências que dizem que o homem tem que caminhar para a igualdade e ele é o criador de riquezas e não pode ser explorado. Comunismo, socialismo democrático, anarquismo, solidarismo, cristianismo social, cooperativismo... tudo isso.

Esse pessoal começou a lutar, para o operário não ser mais chicoteado, depois para não trabalhar mais que doze horas, depois para não trabalhar mais que dez, oito; para a mulher grávida não ter que trabalhar, para os trabalhadores terem férias, para ter escola para as crianças.

Cosas que hoje são banais.

Hoje é normal o operário trabalhar oito horas, ter férias... tudo é conquista do socialismo.

(Antônio Cândido, 24/07/1918 - 12/03/2017)

NÃO DEIXE O ECHUS MORRER!!!

É de conhecimento público que o Echus vive de doações e trabalho voluntário. Ele existe, simplesmente porque seus leitores o adoram e não perdem dele uma só leitura... queixam-se quando ele atrasa e gostariam muito de que ele fosse editado não de dois em dois meses, mas mensalmente, pelo menos. Além disso, esse jornal é fator de unidade da gloriosa Turma do Ibaté, pois ele promove e alimenta boas expectativas de convívio e amizade e é carregado de muitos significados para o coração e para a vida de todos os seus membros.

Vive tu, Echus do Ibaté, para o consolo dos homens!
E como fazê-lo?

Não é nada difícil: valores pequenos, valores médios, valores altos. Faça doações! Sem elas, nada feito, e o Echus não sobreviverá. Seu diagnóstico atual é bastante sofrível, deveras. E o prognóstico, nem falar... pelo andar dessa carruagem, ele não conseguirá nem mesmo se aproximar do Sabão, pois suas pernas estão muito fracas. A subida desse sagrado morro encontra-se quase rente ao universo das impossibilidades. E é sempre lá, do alto dessa montanha, que costumamos anunciar e convidar a todos para que participem de nossos também sagrados Encontros Bi-ANUAIS, que, aliás já se aproximam... observe que em breve será iniciada a tradicional contagem regressiva. Será que conseguiremos??

Sim, continue com as doações, não pare, não! No entanto, temos uma sugestão, sobretudo para aqueles que sentem o desejo de colaborar, mas que tem dificuldade em colocar isso em ação: autorize seu banco, pessoalmente ou pela internet, a realizar um **débito automático de sua conta pessoal** e creditar esse valor na conta do seu Echus do Ibaté. Faça com que isso ocorra mensalmente, em valor que lhe seja acessível. Decida o *quousque tandem* ou siga o exemplo de alguns colegas, aplicando por *sine die*. Dessa forma, seu desejo de contribuir será atendido, você não se sentirá em falta e esse instrumento poderá ressuscitar e continuar cumprindo sua função de alegrar todos nós. Experimente! Aceite nossas sugestões. Todos ficarão satisfeitos e não mais seremos afogados por esse sentimento de abandono e ameaças constantes de morte.

Eis nossos dados bancários:
 - Banco Bradesco (237)
 - Ag. 3191 - Conta corrente 14399-5
 - Em nome de Carlos Domingues Cosso - CPF 024.626.218-49

Somos gratos

SEU PAÍS VOLTOU!



FERNANDO HORTA*

"Em junho de 2001, o Jornal Nacional (Rede Globo) veiculava uma série de reportagens que viria a ser premiada. Marcelo Canellas e Lucio Alves apresentavam a "Fome no Brasil".**

O dado revelado era que uma criança morria de fome no Brasil a cada cinco minutos. Em pleno "milagre neoliberal" - como gostam de citar alguns intelectuais e políticos de direita no Brasil - uma criança morria a cada cinco minutos no Brasil. Vou repetir, porque penso que o número deveria ser usado em qualquer discussão sobre política e economia de agora em diante.

Ao começar a ouvir qualquer argumento dos defensores desta hipocrisia de direita, pare e escreva "em 2001, aos sete anos do governo FHC, uma criança morria de fome a cada cinco minutos no Brasil".

Repita ou escreva, não importa, mas sempre comece por esta informação. Em seguida, olhe a ginástica retórica que o interlocutor fará e avalie se ela se encontra no campo da ignorância ou da mácula moral insanável. Qualquer das duas opções é uma conversa que não vale a pena.

Não sei se já mencionei, mas em 2001, uma criança morria de fome a cada cinco minutos no Brasil.

O fato, chocante, inaceitável, inumano, é irrisório perto da pergunta de um pai, quando confrontado pelo jornalista, se não havia como seu filho "ganhar um pouco mais de peso". Ana Cláudia dos Santos, a mãe, e Evangelista dos Santos, o pai, com a sabedoria de quem luta para sobreviver, respondem ao repórter "o que você acha que eu devia fazer?"

Este diálogo reflete o Brasil do neoliberalismo. O repórter, obviamente não sabia sobre o que perguntava e também não conseguia compreender o que via e ouvia. Provavelmente foi dilacerado a cada entrevista, eis que humano.

O pai entrevistado, sequer com tempo de tirar a enxada das costas para falar, desfere a pergunta fatídica que separava os brasis de forma tão evidente. "O que você acha que eu deveria fazer para salvar a vida da minha filha que não tem o que comer..."

Eu me recorde de assistir esta reportagem e chorar copiosamente. Eu não choro com hino, bandeira ou camiseta verde amarela. Não choro por cântico religioso fervoroso. Não choro por ver alguém "atingir a meta" de malhar todo dia para perder peso. Não sou de reconhecer heróis em ações ordinárias e totalmente comuns. Eu chorei como criança vendo aquela série. O olhar de Evangelista para o repórter era a demonstração de que nada, absolutamente nada naquele país, poderia estar dando certo.

O que não consigo entender é como Ana Cláudia dos Santos, a mãe, e Evangelista dos Santos, o pai, se tornaram "vagabundos que se aproveitam do Estado para não trabalhar". Ou ainda como a fome de sua filha poderia ser um reflexo "da meritocracia" que levaria - em um livre mercado - a sociedade brasileira a ser produtiva e rica. Não entendo como Ana Cláudia e Evangelista se tornaram o "problema das contas públicas do Brasil", tendo contra si os dedos da classe média (saciada) e da maioria dos que apertam botões no parlamento, e que hoje defendem o fim dos programas sociais, dos direitos do trabalho e a redução de vencimentos para os mais pobres.

Apenas uma sociedade doente, ignorante e hipócrita pode acreditar que Ana Cláudia e Evangelista estão sofrendo assim por que não se esforçaram o suficiente.

Apenas uma sociedade lunática, cínica e monstruosa pode se convencer de que eles sofrem desta forma por não terem fé suficiente ou por não terem depositado algum valor numa conta em nome de algum deus.

E eu não falei ainda da sua bebê, que padece da fome. Certamente quando ela crescer, depois de ter lutado para sobreviver, vai saber evitar as mazelas da sociedade. Vai se esforçar numa escola pública de algum sertão poeirento e seco e vai concorrer "de igual para igual" com alguém que comeu na infância toda e que "não aceita privilégio" de quem quer que seja.

Também não falei de você, que se "revoltou" com o conto das "pedaladas" e saiu a bater panelas vazias - de barriga cheia - querendo o "seu país de volta". Pois a ONU informa que a fome voltou ao Brasil. O seu país, finalmente, voltou. E se você a ele reivindicar as cores verde e amarela, fique com elas. Não me farão falta as cores de um país em que uma criança morria a cada cinco minutos de fome. Um país hipócrita que não aceita vidraça quebrada, mas nunca se importou com as muitas Anas Cláudias e Evangelistas a enterrarem seus filhos em caixas de sapato, como "querubins sem pecado", no único consolo possível.

Que bom que as cores nos diferem. Você fica com a hipocrisia em verde amarelo e eu procuro qualquer outra que dê guarida a um país sem fome.

Quem nos olhar saberá de pronto que não me misturo com quem prefere o cassetete à cabeça do estudante, quem prefere o privilégio da gravata à comida da criança, quem tem força física para bater em panela, mas padece de inanição moral.

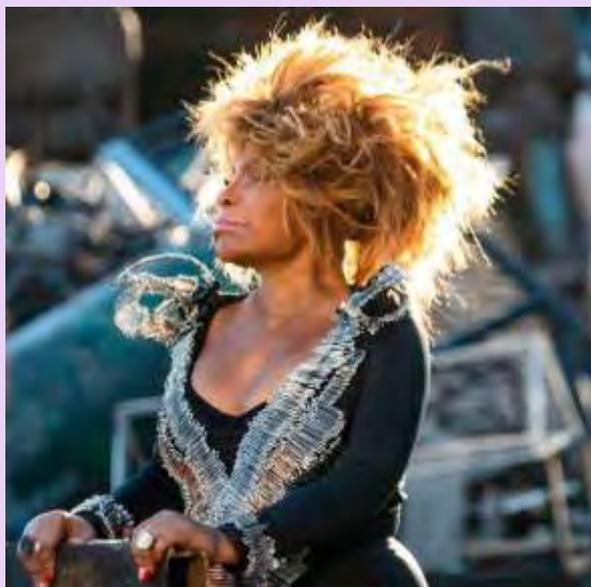
Não sei se já falei, mas em 2001, aos sete anos do governo de FHC, uma criança morria a cada cinco minutos de fome, no Brasil.

Este país voltou ...

De fome ..."

* **FERNANDO HORTA** - historiador e professor. Formado pela UFRGS com mestrado em História das Relações Internacionais pela UnB. Doutorando em História das Relações Internacionais na UnB. Texto criado em 25.06.2019 e veiculado pela Feserp-MG

** Acesse esse vídeo pelo Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=Adsrzu59aFk&t=227s> a fome no brasil



Elza Soares, a cantora brasileira do milênio, segundo a BBC de Londres, e que hoje está com seus 90 anos de idade, em certo dia, descobriu que cantava. Tendo já perdido dois filhos, agora era o seu mais velho quem estava morrendo e não havia qualquer dinheiro para remédios ou mesmo comida. Foi quando ouviu no rádio que as inscrições de participação no programa de Ary Barroso, Calouros Nota Cinco. Seu prêmio estava acumulado. Não sabe dizer como, mas a tinha certeza de que o prêmio seria seu. Inscreveu-se, e lhe disseram para ir bonita. Mas como? Não tinha roupas nem sapato, não tinha absolutamente nada e - não seja por isso - colocou um vestido de sua mãe com o dobro de seu tamanho; uma sandália miserável. Ajustou sua roupa com alguns alfinetes e foi. Ao ser chamada para cantar, a zombaria era total. Ary Barroso perguntou-lhe:

- O que você veio fazer aqui?
- Eu vim Cantar!
- E quem disse que você canta?
- Eu canto!
- Então, me diz uma coisa, de que planeta você veio?

- Do mesmo planeta seu, Seu Ary.
- E qual é o meu planeta?
- É o Planeta Fome!

Nesse instante, todos que dela riam perceberam que a coisa era séria e sentaram-se quietinhos e bem comportados.

Ela cantou a música Lama... e o gongo não soou; ela ganhou! Lembremos que seu filho está vivo até hoje por causa disso, graças a Deus! De lá prá cá, sempre carrega consigo um alfinete.

Após os aplausos, Ary Barroso, abraçado a Elza, exclamou com alegria:

- Senhoras e senhores, nesse exato momento, acaba de nascer uma estrela!

Elza olhou prá lá e prá cá em busca dessa estrela.

Para a Gata de Sete Fôlegos ou Abelha Rainha, o tempo passou "...e eu continuei com fome, fome de cultura, fome de dignidade, fome de educação e igualdade e tudo mais. A fome só muda de cara: ela não tem fim. Há sempre um vazio que a gente não consegue preencher e talvez seja essa mesma a razão da nossa existência".

Na Casa do Pai



LUIZ VIRTUOSO

Ele fez sua Páscoa Definitiva em 25.11.2020, aos 72 anos. Ex-aluno do Ibatê em 1962 e 1963. Sua ordenação presbiterial foi em 19.03.1988 Levou-o sem piedade o Covid-19. Rezemos por sua alma e rendamos graças por seu amor a Deus até ao último suspiro Saudades de seus familiares, amigos e todos os seus paroquianos. Morava em Anápolis.



ANNÍBAL POTY DE SOUZA

Faleceu em 23.03.2021, aos 85 anos, após intensa luta de um ano contra um câncer. Deixa esposa, Sra. Aracy, e mais dois filhos. Era advogado e morava em Praia Grande-SP. As condolências de todos os ibateanos e o conforto para seus familiares e amigos. E que Deus o receba na sua glória.



CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS



DE PADRE TOMAZ GOMIDE (57/60) mora em New York - 15.02.2021 - Wilson Mosca, perdoe-me por ter demorado tanto em entrar em contacto com vocês. Desde a minha aposentadoria, o trabalho aqui triplicou. Todos os finais de semana, rezo pelo menos três missas e durante a semana muitas vezes tenho que rezar duas missas mais os funerais. Há uma falta tremenda de sacerdotes aqui na diocese, mas, graças a Deus, parece que neste ano vou conseguir um padre do Paraguay, que fala muito bem português, espanhol e inglês (e é claro, guarani). Já estou com 77 anos de idade, e isso está pesando. Fiquei contente em ler a carta do **Zé do Pito** em nosso jornalzinho. Admiro muito esse indivíduo por sua capacidade de viver uma vida solitária e dedicar-se à literatura. Como dizem os americanos: REMARKABLE! Esqueci o meu latim, grego e o meu francês. Graças a Deus mantenho o meu italiano e é claro, espanhol, inglês e o meu português caipira. Isso nunca esqueci. Aqui onde eu trabalho, há muito poucos brasileiros. A maioria dos que falam português são de Portugal, do continente, e uns poucos das ilhas. Como eu disse, o trabalho aumentou muito, pois ajudo em três paróquias e sou chamado para casamentos, batizados, funerais em várias paróquias da diocese. Com a pandemia, comecei a gravação das missas nos três idiomas, em minha paróquia de *Corpus Christi*, em Mineola, Nova York. Dá muito trabalho, mas os resultados têm sido ótimos. O povo não vai muito à igreja, mas assiste à missa pela televisão no YOUTUBE. Tenho o meu canal, **tgomide**. Infelizmente a pandemia mexeu muito com todo o mundo aqui, como também a política, na qual eu não me meto. Eu costumava viajar muito, mas, desde fevereiro do ano passado, a minha vida é da igreja para a minha casa e da minha casa para a igreja. Parece que este ano vamos conseguir um *tour* e cruzeiro no Egito. Espero que dê certo. Em fevereiro fui com um grupo de 30 pessoas para Cingapura e de lá, tomei um cruzeiro visitando o Vietnã, Tailândia, Cambodja e Hong Kong. Não pudemos desembarcar no Vietnã nem em Kong Kong. Quase que tivemos que ficar em quarentena no navio, mas, graças a Deus, não tivemos nenhum caso de infecção entre os passageiros. Foi um aperto! Este ano tem sido muito difícil para todos nós. A situação aqui em Nova York está boa e nós temos mais liberdades de movimento. Infelizmente a política dividiu o país. Tem sido um horror! Nunca imaginei que chegaríamos ao que chegamos: pessoas cultas, políticos experimentados, gente importante e simples se radicalizaram tanto, que isto aqui se transformou numa república das bananas. A lavagem cerebral é terrível e até a religião é usada para isso. Vamos ver se agora as coisas mudam um pouco. Mosca, não vou mais me estender. Você tem muito o que fazer. Prometo entrar em contacto com o meu irmão em São Roque e pedir a ele que faça uma contribuição para o ECHUS. Perdoe-me por ter deixado isso de lado. Um abraço a todos. tgomide@me.com



DE SILVINO DE MIRANDA MELO NETO (CORONEL) - 1959/61 - Mogi das Cruzes-SP 16.02.2021 - Obrigado amigo Wilson Mosca. Deus te abençoe e retribua em cêntuplo por tudo que você e a Equipe de Amigos fazem por nosso Querido Grupo de Ex-Seminaristas do IBATÉ. Passando um pouco mais as restrições da Pandemia, veja se tem interesse em fazermos um outro encontro no nosso *Sítio Terra Brasilis*. Estamos a sua disposição e dos queridos colegas. Abraços
silvinomelo.adv@gmail.com



DE JOSÉ DOS SANTOS (61/62) - Olá colega Wilson, Sempre que me lembro do seminário do Ibaté, me recorro de bons tempos, muito estudo, muitos amigos, muita disciplina, muitas brincadeiras, muita oração e muita atenção dos dirigentes. Imagino como seria a cultura dos jovens se um cenário parecido fosse possível nas escolas do Brasil. Mas infelizmente o que vemos é muito diferente. Por isso, cada vez que me lembro do seminário, dou graças a Deus por aquela experiência tão rara e preciosa. Fora do seminário eu continuei meus estudos, mas a base que por lá adquirir foi fundamental para minha vida de estudante e cidadão. Lembro-me dos tempos de seminário com saudade e gratidão. Grande abraço. São Paulo-SP 25.03.2021 josandensp@terra.com.br



DE JOÃO FRANCISCO DE BRITO RAMALHO (60/62) - Magnificat! Viva os 72o. aniversário de fundação do nosso Seminário de São Roque, pedacinho do paraíso, no qual no alvorecer das nossas vidas, fomos agraciados por Deus de conviver dias tão felizes. *Ad multos annos de vita* para o colega **Atílio Brunacci**, testemunha ocular desse acontecimento. Uma honrosa menção à memória do inesquecível **Darcy Corazza**, primeiro sacerdote a ser ordenado e também integrante da primeira turma do nosso Seminário. Salvador-BA 25.03.2021 jramalho47@gmail.com



DE ARLINDO PIRES PINHO (61/64) - Gostaria de parabenizar os 72 anos do nosso querido seminário, que estará em nossa memória para todo sempre. Saudades dos anos que lá vivi. São Paulo-SP 25.03.2021 arлиндopires74@yahoo.com.br



DE JOSÉ LAÉRCIO GHIDINI (60/61) - Que foto...quase uma relíquia... não conhecia ainda os detalhes da inauguração do Seminário, que me acolheu entre 1960 e 1961. Parabéns.25.03.2021 Americana-SP
joseghidini@yahoo.com



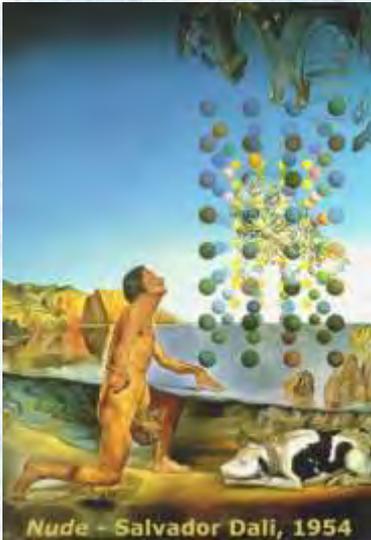
DE PAULO FRANCISCO DA COSTA AGUIAR TOSCHI (49/53) - Esta foi a festa de inauguração do nosso Seminário. Eu estou sentado no chão, aos pés do Padre Constantino. Gostaria que algum colega lembrasse qual foi o dia em que chegamos a São Roque. O dia em que partimos de trem, da estação da Sorocabana, em vagões reservados, e, ao chegarmos a São Roque, tomamos os ônibus que nos levaram ao seminário. Eu imagino que foi em fevereiro, mas, não me lembro do dia. São Paulo-SP 25.03.2021 paulofranciscotoschi@yahoo.com

REZA O SER HUMANO, NU DIANTE DE DEUS



Joaquim Benedicto de Oliveira (Quinzinho)*

A oração, nestes tempos de crueldade, exige do homem a lembrança real de sua criação. Resultante comum do prazer dos pais, ato de amor ou atendimento compulsório de uma furiosa necessidade instintiva, inicia-se a formação para a vida. Por nove meses vai sendo construído um corpo humano cercado de dejetos futuros sólidos e líquidos ambientes. Mergulhados num mar apertado que o alimenta e conforma, cria-se um ente que será capaz de pensar, sentir, chorar, falar, sofrer ... e orar.



Por que orar? Pela vontade de elevar a alma a Deus? E onde está Ele para a alma humana encontrá-Lo? Elevar supõe alçar, fazer subir. Será alcançar o céu? Mas este foi prometido para depois da morte. Contradição?

Por que orar? Pela necessidade de pedir a Deus bens necessários? A oração de pedido acontece em situações de perigo, por exemplo. Não é o caso atual em que vive o homem no pandemônio da pandemia? Como deve ser a oração diante deste mal que o ataca?

Na verdade, depois de mais de um ano de dificuldades sanitárias e existenciais, a repetida oração de pedido se torna a oração de pergunta ou oração de procura. Deus vê a dor da humanidade? Ele se importa efetivamente com o sofrimento de suas criaturas? Por que Ele não escuta o pedido para o fim de tantas dores? Esta é a hora da participação humana no sofrimento do crucificado? “Pai, por que me abandonaste?” Ou será que não foi suficiente o sacrifício de reparação vivido pelo Cristo? Que pai não atenderia ao lamento do

filho na dificuldade?

Como conciliar, afinal, um possível defeito de criação na condição humana real? Deus criou a humanidade assim imperfeita, apesar de perfeitíssimo? Como pode?

Então, se algum leitor considerar heréticos este texto e seu autor, peço que vá correndo até a colina celeste do Ibaté. E lá procure, em alguma parede daquele amável prédio, uma tabuleta com a oração que foi ensinada para se ler rezando ou rezar lendo: “Doce coração de Maria, sede a nossa salvação”.

Ela não é deusa. Não é mito. É apenas Mãe.

* **Joaquim Benedicto de Oliveira (Quinzinho)***, 50/56, é doutor em literatura brasileira. Suas teses de mestrado e doutorado são: “A hierofania no episódio do pacto de Riobaldo com o demo” e “O trabalhador como tema e personagem em romances brasileiros da década de 1930”. Aposentou-se pela PUC-SP após mais de 40 anos de trabalho e milhares de alunos como professor de Literaturas Brasileira e Portuguesa 11 99339-3092 joka.oliveira@uol.com.br S.Paulo-SP

PÁSCOA NA PANDEMIA



Padre Júlio Lancelotti*

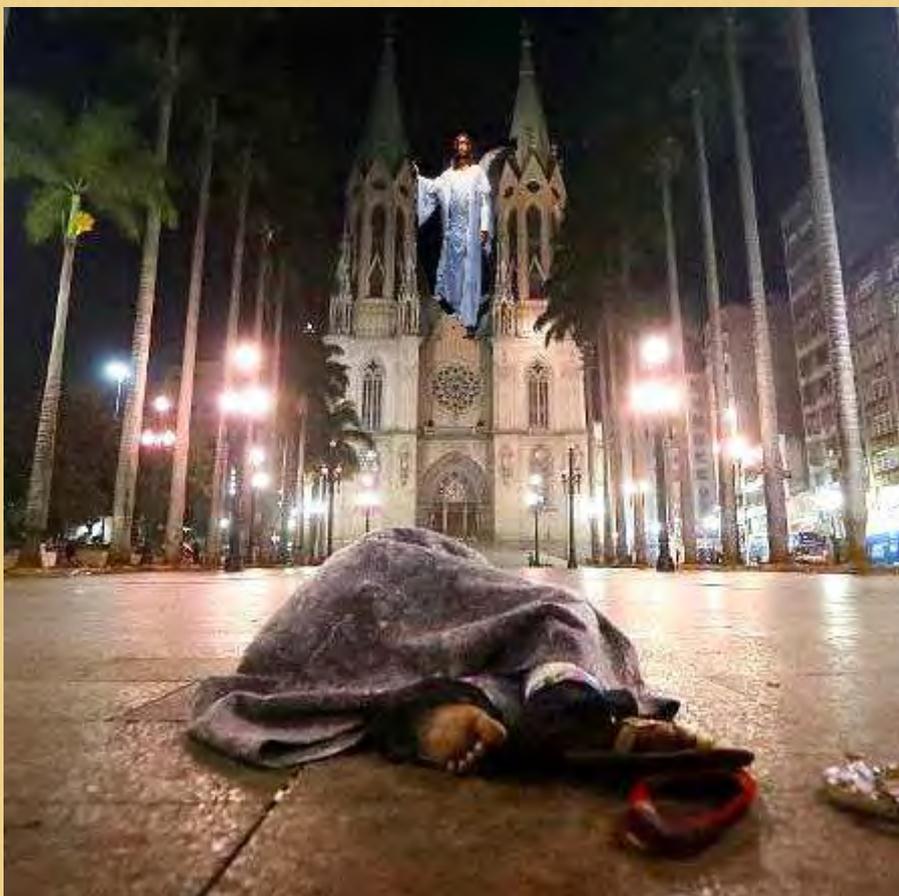
Na pior fase da Pandemia, reforçar o sentido mais profundo da Páscoa se faz ainda mais necessário.

Nesse ano, a Páscoa será muito marcada - como a do ano passado, mas agora será ainda maior - pelo número de mortes, de doentes, da quantidade de pessoas que estão sofrendo, desempregadas, daqueles que estão vivendo uma situação de indignância.

Celebrarmos a Paixão de Cristo é celebrarmos a paixão de nosso povo, o sofrimento do nosso povo. E queremos chegar na Páscoa. Nesse ano, a Páscoa é vacinação em massa. Nesse ano, a Páscoa é saúde. Nesse ano, a Páscoa é as pessoas perderem o medo de viver dessa maneira tão difícil como estamos agora; é sair de tudo que é morte, opressão, dominação, discriminação e preconceito. É sair do discurso de ódio para a solidariedade, para a fraternidade, para sermos irmãos uns dos outros.

Todas as religiões são chamadas para viver a solidariedade e a fraternidade da Páscoa. Sim, todas as religiões e também aqueles todos que não têm religião. Porque a Páscoa é sair de todo tipo de escravidão.

Você não precisa ter religião para sair da escravidão: você precisa é ser humano. Não aceitando a tortura, não aceitando a discriminação, o preconceito e o racismo, superando a homofobia, Superando a misoginia, a transfobia. Para tudo isso, a religião pode ajudar, mas existem pessoas que usam da religião para discriminar, para ter preconceito, para ser racista, para ser homofóbico... O importante é sermos humanos. A compaixão, a misericórdia e a solidariedade não são dimensões religiosas; são dimensões humanas. Elas existem para humanizar a vida. A religião é instrumento que não pode ser absolutizado, pois é um meio. As religiões de matriz africana, os muçulmanos, os judeus, os palestinos, os budistas, os cristãos de diferentes denominações, os que tem religião, os ateus... todos somos seres humanos, isso é o principal e o primordial. Sem a humanidade, não há religião. A religião supõe a humanidade, e você não pode ser



religioso e ser desumano.

Eu desejo a todos a alegria e a força do amor.

Nós não podemos nos abraçar, não estamos podendo dar um beijo, não podemos apertar a mão e estar próximos, mas podemos comunicar com o olhar e dizer para todas as pessoas, especialmente aos doentes, aos idosos, aos que estão desempregados, que Deus ama vocês! Por isso, não desanimem: vocês todos são amados por Deus. Tenham força e tenham coragem!

Que a Páscoa seja feliz, porque você acredita e é fiel.

Deus abençoe a todos!

***JÚLIO RENATO LANCELOTTI, Mons.**, 72, um educador e sacerdote católico, pároco da Igreja de São Miguel Arcanjo da Mooca, São Paulo-SP.

CASO EDIFICANTE

ASSIM É A VIDA...



José Lui*

Um rapaz está puxando uma carroça muito carregada pelas ruas da cidade, quando se encontra com dois homens, que com pena, lhe dão uma mão para empurrar a carroça até o final da subida.

O rapaz agradece. Os homens sugerem que peça ao patrão para carregar menos a carroça ao que o rapaz responde:

-Sim, eu peço sempre para ele carregar menos a minha carroça, ao que ele me responde:

- Fique tranquilo, meu filho, sempre vai aparecer um idiota que o ajudará a puxar sua carroça.



(*) José Lui, 82 (49/56) filósofo, teólogo, pé-de-valsa, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.03.2021	
POSIÇÃO EM 31.01.2021	5.980,97
ENTRADAS	
Contribuições e doações	3.030,00
Juros	9,76
TOTAL ENTRADAS	3.039,76
SAÍDAS	
Diagramação Echus 171	800,00
Despesas Correios	58,20
Despesas Bancárias	78,80
TOTAL SAÍDAS	937,00
SALDO ATUAL 31.03.2021	8.083,73
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.02.2021 a 31.03.2021, dos seguintes colegas: Antonio José de Almeida, Aurélio Vieira de Moraes, Pe. (in memorian), José de Mello Junqueira, José Ecio Pereira da Costa, José Fernandes da Silva, Luiz João Corrar, Rocco Antonio Evangelista, Roberto Lui, Tomaz Gomide, Pe., Vicente de Paulo Moraes e Vladimir Merlo Garcia. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

COLABORADORES DESTES NÚMERO: Alfredo Barbieri, Antonio Joaquim Andrietta (in memorian), Antonio Jurandy Amadi, Dom Constantino Amstalden (in memorian), Eduardo Antonio Santiago-Manga, Fernando Horta, Getulino do Espírito Santo Maciel, Joaquim Benedicto de Oliveira, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Júlio Renato Lancelotti, Mons., Letterio Santoro, Pe. Otto Dana e Valdevino Soares de Oliveira.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO (237), Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Antônio Carlos Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

Email: echusdoibate@gmail.com

Página no Facebook: IBATEANOS S ROQUE

Echus do Ibaté nas Nuvens: link: <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate/>

Diagramação: Conexão Propaganda

